

Razões Estratégicas

Por que autoridades monetárias e os presidentes Bill Clinton, dos Estados Unidos, e Jacques Chirac, da França, elogiam o Brasil e demonstram disposição de apoiar esquema de resgate financeiro do país?

A resposta está na importância estratégica adquirida pelo Brasil para o futuro da economia mundial no próximo século. O Brasil tornou-se o segundo pólo receptor de investimentos estrangeiros no mundo – perdendo apenas para a China. Só os próprios Estados Unidos superaram o Brasil nas inversões das empresas americanas.

O Brasil interessou aos investidores de todo o mundo devido à abertura da economia, hoje perfeitamente inserida no processo de globalização, e às perspectivas abertas pela estabilidade monetária com o Plano Real. A moeda estável incorporou 16 milhões de brasileiros ao consumo e transformou o país num dos maiores mercados do século 21.

Pesou também o papel de liderança do país no processo de integração cultural, comercial e financeira da América do Sul, a partir da experiência vitoriosa do Mercosul, a zona de comércio que mais cresce no mundo. Qualquer problema econômico envolvendo o Brasil transbordará as fronteiras nacionais e atingirá a América do Sul como um todo.

Evitar que o Brasil naufrague é a melhor maneira de preservar a solidez econômica e política da América do Sul, que não tem qualquer semelhança com a Ásia. Na Ásia, regimes pouco democráticos levaram a modelos econômicos fechados, alicerçados em regras protecionistas e cartoriais que favoreceram impérios empresariais controlados por descendentes diretos dos governantes.

Na América do Sul a crise veio nos anos 80, quando os regimes eram autoritários e a economia dominada por modelos protecionistas, quase autárquicos. A redução do papel do Estado, o fim dos monopólios, o enfraquecimento dos cartéis e dos oligopólios pela abertura comercial e a liberalização da economia atraíram pesados investimentos estrangeiros, modernizando estruturas sociais e econômicas.

A retomada do crescimento e a melhoria das perspectivas sociais da América Latina, incluindo o México, interessam estrategicamente ao grupo do G-7, o grupo das nações mais ricas e exemplos de democracia de mercado no mundo. Fala-se muito das perspectivas da China, com seus quase 2 bilhões de habitantes, mas o poder aquisitivo das populações da América Latina é muito superior às possibilidades dos chineses, com salários médios ainda na linha da subsistência ascética.

Das 500 maiores empresas americanas, 405 estão presentes no Brasil, que responde pelo maior superávit nas relações comerciais bilaterais dos EUA. Multinacionais alemãs, francesas, italianas, inglesas e espanholas também perceberam isso. E escolheram o Brasil como base operacional para a integração do grande mercado do Cone Sul.

Em nome desse interesse estratégico e dos imensos investimentos em curso, o G-7 está no mesmo barco e não medirá esforço para evitar que o agravamento da crise financeira da América do Sul gere fatos políticos que possam comprometer a democracia da região e desvalorizar os investimentos feitos pelas empresas dos países do Primeiro Mundo.